

O Sentimento Açoriano de Nereu

Nereu do Vale Pereira faz ligação do passado com presente através de estudos sobre a herança açoriana

- Aldário Simões



O referencial da família Vale Pereira está implicitamente ligado à história do patriarca Hipólito do Vale Pereira, natural do Saco Grande que, pela facilidade de expressão verbal, tornou-se uma das figuras mais populares de Florianópolis. Exercendo a função de rábula (advogado sem diploma) de pobres e oprimidos. Contemplado pelo governador Nereu Ramos com a nomeação de juiz de paz em 1942, constituiu centenas de casamentos e ficou conhecido como "Hipólito casamenteiro".

Um de seus filhos, Nereu do Vale Pereira, herdou do pai a dignidade, o dom da palavra, a dedicação à leitura e o arroubo pelos movimentos comunitários e pelas cerimônias religiosas, porém oposto na discricção de se expressar e na profissão que abraçou, ao se tornar um dos mais respeitáveis pesquisadores da cultura açoriana. A sua paixão pela Ilha de Santa Catarina está intimamente ligada às suas origens: os pais são descendentes de açorianos da ilha Terceira e de Portugal continental, e sua mãe, Olindina, nasceu exatamente dentro do Forte de São José da Ponta Grossa.

Há cerca de 40 anos palmeando os meandros da Ilha, colhendo depoimentos para suas pesquisas que resultaram na edição de importantes obras literárias, tornou-se pesquisador renomado por obra do destino. Nascido e criado na região de Canudinhos, vivendo a infância e a adolescência na região da Mauro Ramos, mais precisamente na chácara do Francisco Nappi e no Tiro 40, acompanhou a ocupação dos morros que dividem a cidade no início da década de 40, realizando pesquisas incipientes com vegetais na floresta ainda cerrada e com tentativas inúteis para encontrar o lendário túnel do morro da Cruz.

A atividade inicial o encaminhava para uma profissão adversa à pesquisa. Formado em mecânica pela Escola Técnica Industrial, deparou-se com um mercado improdutivo. Decidiu-se então por fazer um curso técnico no Rio de Janeiro, com planos para tornar-se engenheiro. Procurou o governador Nereu Ramos à revelia do pai, que estava de relações cortadas com o chefe político, e este concedeu a bolsa de estudos reivindicada. Mas o determinado Hipólito mudou o rumo de sua vida. Especializou-se em eletrotécnica e mais tarde retornou aos estudos e concluiu os cursos de contabilidade e economia. Em 1946 ingressou no grupo fundador do Partido Democrata Cristão (PDC), sendo eleito vereador em duas oportunidades e suplente de deputado estadual.

Foram os livros de Virgílio Várzea, de Canasvieiras, e do português Paulo José Miguel de Brito, que estimularam uma irrefreável paixão pela Ilha de Santa Catarina. A bordo de um Ford Rubi, o carro de praça de Romalino Silva, que atendia o pai, passou a percorrer com frequência os recantos ilhéus e, dessa intimidade com o motorista, nasceu o casamento com a filha Irany, com quem possui nove filhos e 14 netos.

Como aluno de Franklin Cascaes, intensificou as pesquisas acompanhando o professor, catalogou as festas religiosas, as manifestações folclóricas, a folia do boi, constituindo um precioso acervo, resultado de 40 anos de trabalho. Publicou os primeiros artigos em jornais e revistas, tendo como tema o desenvolvimento da cidade e a colonização açoriana.

Em 1948, ao participar na Capital do congresso sobre os 200 anos da colonização açoriana, desiludiu-se com o forte preconceito à nação açoriana. "Senti-me ofendido com a avaliação de indolente e malandro, como foi avaliado." O professor rechaça esse tipo de distorção e lamenta que Oswaldo Rodrigues Cabral também sustentasse a mesma opinião.

Despertou então para o estudo da epopéia açoriana no Brasil. Debruçou-se sobre pesquisas e os planos para conhecer o Arquipélago dos Açores, para onde viajou em 1979 acompanhado por Franklin Cascaes. Na Europa, abriu caminho para a aproximação de estudos com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a consolidação do intercâmbio que existe até hoje.

Concentrou os estudos e pesquisas sobre a herança açoriana no Ribeirão da Ilha. Nos anos 60, ainda vereador, apoiou Cascaes a promover a primeira exposição de seus desenhos naquele distrito. A sua doação ao Ribeirão ocorreu em 1970, quando coordenou a área cultural do Plano de Desenvolvimento Turístico da Grande Florianópolis e elegeu o local como ideal para o turismo cultural. Com a organização da Sociedade Pró-desenvolvimento do Ribeirão da Ilha, instalou o Eco-museu, preservando toda a natureza em sua volta com infra-estrutura de um restaurante tipicamente açoriano e pousada em estilo colonial.

Religioso convicto e praticante, participou de todas as irmandades da Ilha, sendo, inclusive, o primeiro homem branco a participar da negra irmandade da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Homem de vida social intensa, dirigiu a União Beneficente e Recreativa Operária (Ubro), onde também foi ator. Foi também provedor da maternidade Carlos Correia, consultor vitalício da irmandade Senhor dos Passos e apaixonado ex-presidente e torcedor do Avaí. Entre as suas obras mais importantes está o "Memorial Histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos", em dois ricos volumes. Ele considera, no entanto, "Os Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina" como o seu livro mais significativo.



Por: <http://www1.an.com.br/ancapital/1999/mai/04/1ult.htm> (Ultimo acesso: 03/05/16)